

Carta do Editor

Um dos motes insistentemente glosados pelos editores desta revista é a interdisciplinaridade. Pois bem, o número que vão ler há de convencê-los de que ele não é apenas um princípio; é uma fatalidade na zona de fronteira em que nos achamos.

Um filósofo e um matemático que têm oferecido relevante contribuição teórica aos especialistas em avaliação e gerenciamento de riscos, à área emergente da economia ecológica e àquela, mais tradicional, da epistemologia abrem este número da revista com instigante artigo sobre a ciência que denominam pós-normal, e que consideram mais apta a lidar com os problemas concernentes ao meio ambiente, já que eles diferem dos problemas científicos tradicionais não só pela escala e urgência como pelo grau de incerteza inerente aos fatos, e de controvérsias inerentes aos eventos e às políticas em pauta. Nesse artigo, a um só tempo analítico e propositivo, os autores, sem contestar o conhecimento científico ou a *expertise* diplomada em seus contextos legítimos, defendem algo que já ocorre tendencialmente: a ampliação da ‘comunidade de pares’, de modo a incorporar novos atores sociais ao controle de qualidade e à avaliação crítica dos riscos e dos conhecimentos que dizem respeito a eles. A ‘ciência pós-normal’ constituiria, assim, uma nova estratégia de resolução de problemas mais adequada a um contexto já muito diferente daquele conceituado por Kuhn, Merton e outros sociólogos e filósofos da ciência.

Outra especialista da área — doutora em lógica e filosofia da ciência — emprega as idéias de Georges Canguilhem como pedra de toque para avaliar os conceitos de ‘saúde’. A ‘doença’ tem constituído objeto de estudo importante para os cientistas sociais, e estes

quase sempre põem em evidência polarizações ou inter-relações entre o social e o biológico. O artigo que vão ler mostra que saúde não é apenas o oposto ou a ausência de doença. É algo opaco, fora do alcance do saber objetivo, idéia “vulgar” passível de ser enunciada só pelos que vivenciam, subjetiva e individualmente, o corpo e as sensações de dor ou prazer que proporciona. É desse ângulo que a autora examina as correlações entre social e biológico, individual e coletivo, normal e patológico presentes na teoria de Canguilhem e em três outras matrizes conceituais: a que desde Galeno vê saúde como equilíbrio entre organismo e meio; a perigosa utopia sustentada pela OMS, que equipara saúde a bem-estar físico, mental e social; e, por último, o programa da VIII Conferência de Saúde, que reduz esta a um efeito superestrutural das condições de existência dos indivíduos em sociedade.

Saúde é ainda o fio condutor da leitura que um historiador da Casa de Oswaldo Cruz faz de *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Ele adentra o círculo numeroso de intérpretes e guardiães da obra do intelectual pernambucano com um olhar que poucos adotaram. Ao mesmo tempo, conecta-o a um prolífico filão de pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz: o mapeamento sanitário e a reinterpretação sociológica dos sertões do Brasil pelos cientistas e médicos que se unificaram sob a influência ou o mito do fundador de Manguinhos. Este, por sinal, é o tema da seção ‘Imagens’, que exhibe as fôrmas com que se iam concretar as representações a que Oswaldo Cruz deu origem após a sua morte.

Raça e miscigenação eram questões que preocupavam Gilberto Freyre e que constituem tema em alta na agenda dos

cientistas sociais, como se observa no artigo mencionado e em vários dos trabalhos apresentados durante o seminário 'Brasil ser tão Canudos', realizado em outubro, no Museu da República (RJ), por iniciativa de várias instituições, inclusive a que abriga esta revista. Aproveito, então, a oportunidade para informar aos leitores que as comunicações apresentadas no evento — todas de excelente qualidade — serão enfeitadas em número especial no primeiro semestre de 1998.

Os que acompanham ou participam das discussões atuais sobre a saúde e a previdência, os que procuram relacionar as mudanças nestes setores com as experiências ocorridas no passado ou em outras regiões hão de lucrar com a leitura do artigo escrito por uma socióloga brasileira que leciona no México acerca da reforma dos serviços de saúde em curso naquele país desde 1982. Como no Brasil, está em jogo lá uma revisão profunda dos direitos da cidadania, que afeta de forma diferenciada os detentores de direitos adquiridos, os que já eram ou estão em vias de ser excluídos e, ainda, variados grupos de interesse nos quais se incluem a burocracia e os produtores de insumos e serviços públicos e privados. A autora nos fornece um quadro dinâmico desse processo sócio-político que envolve conflitos passados e presentes entre diferentes projetos e visões de futuro. Mostra-nos as alianças e transações que realizam os atores sociais, novos e antigos, com o objetivo de reivindicar vantagens, obstruir regulações, favorecer ou bloquear o modelo técnico-assistencial em debate no atual governo Ernesto Zedillo (1994-2000).

O cardápio que oferecemos aos leitores inclui, ainda, um ensaio bibliográfico acerca de uma área de investigação que começa a aflorar na historiografia brasileira — a história ambiental ou eco-história — e que mobiliza disciplinas e ferramentas conceituais com que tem pouca familiaridade a maioria dos ocupantes do campo. Ela obriga-os a se reequipar para

poderem repensar as relações entre ciências sociais e naturais, sociedade e biologia, homem e natureza. Aos não especialistas que tomam contato com seus produtos mais bem acabados — *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*, de José Augusto Drummond, e *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*, de Warren Dean, por exemplo — a história ambiental proporciona estranha sensação, uma espécie de *jamaís vu*: não reconhecemos mais cenários históricos que nos pareciam familiares; os atributos dos personagens humanos que os povoavam surgem modificados sob a ótica de atores não humanos que deixam o pano de fundo para ocupar o proscênio do teatro histórico.

Uma relação de complementaridade liga o artigo que trata da crise da medicina no Rio Grande do Sul — escrito por um antropólogo gaúcho que já publicou em nossas páginas — com as histórias de dois médicos paulistas que reproduzimos na seção 'Depoimento'. O artigo documenta a percepção de uma 'crise' associada à expansão do ensino médico, à diversificação das origens sociais de seus alunos e ao fortalecimento da organização e das lutas da corporação. Por sua vez, os depoentes revelam clara percepção das disjunções ocorridas no cotidiano e no ideário dos médicos com a crescente especialização e assalariamento que marcam a passagem da prática liberal à medicina tecnológica.

Eis a saborosa colheita que *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* lhes oferece neste número. Desfrutem dela como quiserem, e não deixem de enviar seus comentários. Os editores sentem-se solitários sem as cartas dos leitores.

Jaime Benchimol

P.S.: *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* agora tem sua versão *on-line*. Confira na Internet: <http://www.pobox.hscience.com>